

## A ESCOLA COMO CAMINHO PARA “SER MAIS”

*Nascer é ingressar em um mundo no qual estar-se-á submetido à obrigação de aprender. Ninguém pode escapar dessa obrigação, pois o sujeito só pode ‘tomar-se’ apropriando-se do mundo. (CHARLOT, 2000)*

O presente relato tem por objetivo revisitar minhas experiências escolares, analisando-as à luz dos estudos do sociólogo francês Bernard Charlot (2000), em especial, da sua obra **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria.

Para tanto, rememoro o meu percurso de escolarização, destacando dois eventos marcantes, ocorridos em momentos distintos, mas com relevante papel no meu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, embora reveladores de episódios de fracasso no meu processo de aprendizagem. Assim, nesta escrita, reinvento essas experiências, configurando-as como elementos basilares na minha trajetória escolar, acontecimentos que mobilizaram meu desejo incansável de ser mais (FREIRE, 2011). Com base nos estudos de Charlot (2000), posso afirmar que esses eventos impulsionaram a minha relação com o saber, foram o seu móbil<sup>1</sup>.

Inicialmente, contextualizo minha infância e meu ingresso na escola pública, que se deram no início da década de 1980, quando o país vivia tempos de efervescência política com o processo de redemocratização e o movimento de reivindicação por eleições diretas, que já contava com forte apoio popular. Mas, em São Bento, cidade do interior da Paraíba, conhecida pela produção artesanal de redes de dormir e na qual nasci bem como me criei, pouco sentíamos dessa movimentação política do contexto nacional. Foi, então, nesse lugar social que vivi intensamente a minha infância, brincando na rua, explorando brinquedos e brincadeiras populares, desfrutando da liberdade que a vida interiorana proporcionava. Lembro-me, também, que adorava escutar as histórias contadas pela minha mãe e os contos de fadas que emanavam da nossa vitrola compacta, adquirida em forma de crediário. Por meio dessa experiência, sentia-me encantada pelo mundo das palavras e da escrita, o que despertava o meu desejo de ir à escola, para desvendá-las.

Essa oportunidade não era para todos, no ambiente em que eu vivia. E, mesmo quando o acesso a uma instituição de ensino era assegurado, a expectativa de conclusão da

---

<sup>1</sup> Razão de agir (CHARLOT, 2000).

educação básica restringia-se a poucas pessoas. Essa realidade podia ser confirmada em relação aos meus pais. Minha mãe concluiu o ensino primário, e meu pai fez um curso técnico em eletrônica por correspondência. Na minha família materna, minha mãe talvez fosse a que possuía maior escolaridade. Por outro lado, na paterna, algumas tias dedicaram-se à carreira do magistério, após realizar o curso normal, trajetória comum às mulheres que seguiam os estudos naquela época.

No âmbito do contexto social e familiar que expus, na pré-escola, frequentei uma creche do município e, na sequência, cursei o chamado “preliminar” com “tia” Neta. Não tenho lembranças consistentes desse período, a não ser das peripécias e brincadeiras na hora do recreio, principalmente na turma do preliminar que funcionava em um prédio antigo com quintal enorme, muitas árvores, um cenário ideal para a nossa diversão infantil.

Na sequência, iniciei o meu processo de alfabetização aos sete anos, cursando a 1ª série na Escola Estadual João Silveira Guimarães, exatamente em 1983. Apesar do convívio em um ambiente familiar onde a contação de histórias tinha um lugar de destaque, meu processo de alfabetização foi marcado por insucessos e dificuldades. Sobre essa realidade que eu enfrentava e a minha condição de sujeito aprendente, considero significativas as palavras de Charlot (2000, p. 33), ao teorizar que o aluno em situação de fracasso “[...] é, também, e primeiramente, uma criança ou um adolescente, isto é, um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença, em seu mundo, de conhecimentos de diversos tipos”.

Dentre os conhecimentos diversos que eu trazia na bagagem, o gosto pela leitura era o mais intenso. Era uma criança criativa, com espírito de liderança nato e que adorava brincar. Em sala de aula, era uma aluna que “não dava trabalho”! Sempre comportada, prestativa, interessada, tirava notas excelentes nas provas e tinha uma participação exemplar. Esses eram os elogios que minha mãe escutava, sempre que participava das reuniões de pais. No entanto é estranho que, desse período, eu não guarde lembranças da minha professora, não recorde sequer o seu nome. A explicação de Rubem Alves (2000) é plausível. Na fábula “Currículo dos Urubus”, o autor argumenta que o esquecimento é uma estratégia de a memória se livrar do que não faz sentido.

Ainda sobre a minha paixão pela leitura, trago em minhas memórias um episódio que ocorreu quando estava na 3ª série primária, então com dez anos. Ganhamos<sup>2</sup> de tia Júlia (irmã do meu pai) um pequeno acervo de literatura infantil com títulos de grandes escritores brasileiros (A bolsa amarela, O menino maluquinho, Chapeuzinho amarelo, As aventuras de Pedrinho, Pare no P da poesia, Rente que nem pão quente, Pé de pilão, As aventuras do avião vermelho, Lúcia já vou indo, entre outros). Este foi um presente inesquecível! Tínhamos uma biblioteca particular! Eu lia e relia os livros, as vezes deitava no quarto e ficava admirando como eram bonitos e coloridos expostos na parede. Na sistematização dessas memórias busquei informações sobre o Programa Ciranda da Leitura<sup>3</sup>, mas não encontrei nenhum vestígio dessa ação implementada na década de 1980, o que tenho são as lembranças afetivas das relações que estabeleci com cada livro e suas aventuras.

Apesar do gosto pelas histórias, aprender a ler e escrever não foi um processo tranquilo. Sobre esse aspecto uma triste e marcante experiência pela qual passei revelou que estar no ambiente escolar era, realmente, pouco ou nada significativo para mim. Ao final da 1ª série, todos os alunos tinham que ler um texto para a diretora. Essa era a prova de fogo! Só passava para a 2ª série quem conseguia fazer essa leitura. No dia fatídico, caminhei pelos corredores da escola com um sentimento de morte, pois eu tinha consciência de que não conseguiria dar conta do desafio posto. Infelizmente, a aluna comportada, nota dez, não sabia ler. Aquele momento se constituiu como minha primeira situação de fracasso, ou seria a escola que estava fracassando comigo? Em todo esse processo, sobressaía um sofrimento: saber que os colegas iriam para a série seguinte e que eu ficaria para trás.

Segundo Charlot (2000), experiências como essa podem concorrer para o desencanto com a escola, constituindo-se como ponto inicial de uma trajetória de fracasso, entendida pelo autor como fenômeno resultante de processos catalisadores da frustração, da decepção e da insatisfação, produzidos na relação com a escola e com o saber. Sobre esse aspecto, o autor assevera que

---

<sup>2</sup> Éramos quatro irmãos, três mulheres e um homem (caçula). Eu sendo a mais velha.

<sup>3</sup> A Bolsa Amarela (Lygia Bojunga Nunes), O menino maluquinho (Ziraldo), O reizinho mandão (Ruth Rocha), Caçadas de Pedrinho (Monteiro Lobato), Chapeuzinho amarelo (Chico Buarque), Pare no P da poesia (Elza Beatriz), Pé de pilão (Mario Quintana), Lúcia já vou indo (Maria Heloisa Penteadó), Rente que nem pão quente (Maria Mazzetti), As aventuras do avião vermelho (Érico Veríssimo), O rabo do gato (Mary França e Eliardo França), eram alguns dos títulos dessa coleção.

“[...] *fracasso escolar*” (grifo do autor) é uma chave disponível para interpretar o que está ocorrendo nas salas de aula, nos estabelecimentos de ensino, em certos bairros, em certas situações sociais. [...] A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo...” (CHARLOT, 2000, p. 14).

Esse episódio de insucesso escolar soou como um alerta, e minha mãe, mesmo com pouca escolaridade, compreendeu que eu precisava de ajuda. Preocupada, decidi matricular-me em uma escolinha particular. A professora Nanci, dona da instituição, era de família tradicional na carreira do magistério, trabalhava a alfabetização com a carta de ABC e tinha fama de excelente alfabetizadora. Comentava-se na cidade que, “se não aprender com Nanci, não se aprende com mais ninguém”. Tudo aconteceu de forma simples e pragmática, sem métodos mirabolantes, sem mistérios. Usando uma cartilha da fadinha, tomando lições todos os dias, sendo disciplinadora e exigente, ela conseguiu me alfabetizar em seis meses. Apesar da sua seriedade, era uma professora dedicada, fraterna e atenciosa com os alunos; conseguia dar sentido ao ato de aprender.

Do tempo em que fui sua aluna, tenho lembranças muito afetivas. Lembro-me do mobiliário da sala, do ambiente que estava sempre limpo, iluminado, organizado. Recordo minha lancheira, a toalhinha para organizar o lanche na hora do recreio, a minha cartilha. São memórias de um período em que, enfim, consegui, com sucesso, desvendar o segredo das letras. A primeira palavra que li com consciência foi **LUA**. Olhei para as letras, e tudo passou a fazer sentido. Eu sabia que sabia. Fui para casa, com grande alegria, contar a novidade e não parei mais. Sempre louca por livros, esse desejo mobilizava meu interesse em aprender, era meu móbil. Eu era uma estudante “desejante” (CHARLOT, 2000, p. 81). Sobre esse aspecto, Charlot afirma que a criança mobiliza-se, em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como de um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor (Ibidem, p. 55).

Hoje, avalio que a decisão da minha mãe foi fundamental para minha trajetória escolar, porque, se eu não tivesse sido alfabetizada em um processo paralelo, talvez tivesse engrossado, por muitos anos, os elevados índices de reprovação na 1ª série, comuns na década de 1980. E o mais preocupante é que a retenção era a única estratégia de a escola agir, ou, melhor seria dizer, punir as crianças que não conseguiam aprender. Ser

alfabetizada transbordou o meu ser de alegria, deu-me autoestima, confiança, para continuar acreditando que eu era capaz de aprender. Lamentável, apenas, que o descrédito da escola pública, no tocante à tarefa de alfabetizar suas crianças, tenha, mais uma vez, sido evidenciado. Essa problemática persiste, promovendo situações de fracasso e abandono escolar.

Segui, então, com êxito até a 6ª série (atualmente, 7º ano). Foi quando, novamente, o fantasma da reprovação voltou a assombrar minha vida. Comecei a sentir dificuldades com a Matemática, em relação ao estudo das expressões numéricas. Eu não conseguia compreender a abstração exigida no cálculo com as variáveis (X e Y). Hoje, porém, sei que essa é uma dificuldade comum nessa fase da escolarização. O que agravava o meu problema era meu professor, sempre impaciente, ridicularizando os alunos que, por não entender o assunto, faziam perguntas. Por medo e constrangimento, fui me calando. Assim, no silêncio, escondi minha dificuldade do professor e também da minha mãe. Sobre esse meu comportamento, Charlot (2000, p. 16) esclarece:

Existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem os saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que não são orientados para a habilitação que desejariam, alunos que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem, agressão.

Ainda para o autor, as situações de fracasso acontecem e precisam ser investigadas e acompanhadas pelos educadores e pela família, haja vista que o aluno interpreta e vivencia essas situações construindo uma imagem desvalorizada de si. Essas experiências compõem a sua relação com o saber e não são da responsabilidade dele, mas da escola e da família.

Ao contrário da perspectiva posta pelo autor, trouxe, para mim, o dever de resolver, sozinha, os problemas que enfrentava no processo de aprendizagem da Matemática. Evidentemente, os resultados que obtive foram decaindo do 1º para o 4º bimestre. Por outro lado, nas outras disciplinas, meu desempenho era excepcional e destoava, totalmente, daquele que alcançava na Matemática.

Em decorrência das péssimas notas nessa disciplina, só me restou realizar a prova final, para tentar não ser reprovada. Minha mãe ficou surpresa, quando viu meu boletim, e

perguntou se eu precisava de ajuda. Procurei tranquilizá-la, dizendo que superaria as dificuldades. Na verdade, não me sentia segura. Porém fiquei com vergonha. Pedir aulas de reforço para aquela avaliação significava gastar dinheiro que não tínhamos. Infelizmente, não consegui alcançar a minha aprovação. Minha mãe foi falar com o professor, mas ele não aceitou rever o meu caso. A propósito dessa relação social com o saber, citamos Charlot (2000, p. 73).

“O mundo” é aquele em que a criança vive, um mundo desigual, estruturado por relações sociais. “EU”, “o sujeito”, é um aluno que ocupa uma posição, social e escolar, que tem uma história, marcada por encontros, eventos, rupturas, esperanças, a aspiração de “ter uma boa profissão”, a “torna-se alguém”, etc. “O outro” são os pais que atribuem missões ao filho, professores que “explicam de maneira mais ou menos correta, que estimulam ou, às vezes, proferem insuportáveis “palavras de fatalidade”.

Assim, nessa minha relação com o mundo, ser uma boa aluna e me destacar nos estudos era uma estratégia de afirmar minha identidade, conseguir ser alguém. Ao mesmo tempo, eu vivia um período de conflito muito doloroso com minha adolescência, muitas espinhas, um corpo em desenvolvimento que eu rejeitava, que me expulsava da infância, que me fazia parecer ter mais idade do que realmente eu tinha.

Mesmo vivendo esse conflito, essa crise existencial, eu estava envolvida em uma relação de aprendizagem, em que o ser reconhecida tornava-se o “móbil” que dava sentido ao processo. Sobre esse aspecto, Charlot (2000, p.72) assevera:

Toda a relação com o saber é também relação consigo próprio: através do “aprender”, qualquer que seja a figura sob a qual se apresenta, sempre está em jogo a construção de si mesmo e seu eco reflexivo, a imagem de si. A criança e o adolescente aprendem para conquistar sua independência e para tornar-se “alguém”.

No entanto, mais uma vez, apesar da decepção, tive a oportunidade de ressignificar essa experiência de fracasso. Buscando mudar de ares e viver novas experiências, fui morar com uma tia paterna em Paulista – PE. Passei um ano com ela e repeti a 6ª série em uma escola estadual no bairro em que residíamos. Meu professor de Matemática (Prof. Almeida) era **MARAVILHOSO!** Explicava tudo com muita paciência e sempre dizia: “Eu não entendo porque você ficou reprovada!” Passava atividades mais complexas para mim.

Segundo ele, eu estava muito além do nível da turma. E, assim, consegui restaurar minha autoestima. O professor Almeida foi a minha “cura”.

Voltei para São Bento e, no ano de 1991, fiz matrícula para cursar a 7ª série (atualmente, 8º ano). Depois de alguns meses, descobri o Núcleo de Ensino Supletivo, que consistia em estudar módulos em casa para fazer as provas. Eu não tinha a idade apropriada para fazer matrícula nesse curso, estava então com 15 anos<sup>4</sup>. Conteí a minha história, e a coordenadora aceitou que eu o cursasse. Meu plano era concluir o supletivo e a 7ª série até dezembro e, assim, estar habilitada para cursar o segundo grau no ano seguinte. Avalio que a coordenadora ficou sensibilizada com minha história, deu a oportunidade, e eu a agarrei.

Consegui concluir, com êxito, as avaliações e, no dia 12.12.1991, data do meu aniversário, recebi a documentação (histórico) que me dava direito a matricular-me na primeira série do segundo grau. Nesse encontro “clandestino” com a Educação de Jovens e Adultos, quando recorri ao Curso Supletivo como estratégia para recuperar o tempo perdido com minhas reprovações, não tinha a dimensão de que, anos mais tarde, ela seria meu campo de trabalho, pesquisa e estudo.

Minhas reprovações foram situações de fracasso que a escola delegou como sendo de minha responsabilidade. Entretanto eu superei um sistema de educação perverso e consegui sobreviver. Meu móbil sempre foi um desejo incansável de aprender, de ser mais, de ir além do que a pacata realidade do interior podia oferecer. A escola era, para mim, o único caminho para alçar voos mais altos. Seguí, então, esse caminho.

Hoje, avalio que a professora Nanci e o professor Almeida foram personagens fundamentais na minha trajetória escolar. Sem eles, não teria conseguido chegar tão longe. Seus ensinamentos foram ferramentas propulsoras para que eu superasse os problemas de aprendizagem e também de ensino com os quais tive que lidar na escola. Eles acreditaram em mim e impulsionaram meu potencial. Utilizaram seus conhecimentos técnicos e didáticos para cumprir sua função docente. Na verdade, eles me salvaram, jogaram a rede quando eu estava no fundo do poço e me ajudaram a subir.

---

<sup>4</sup> A legislação (LDB nº 5692, de 1971) determinava a idade mínima de 18 anos para cursar o supletivo de 1º grau.

Por tudo isso, considero que a escola pode representar um caminho para a vocação humana de ser mais. Sinto-me a prova cabal dessa assertiva: através do estudo, constituí-me como pessoa, bem como profissional, viabilizando um projeto de vida, com muitas oportunidades, aprendizagens e realizações.

### **Referências**

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar** – O fim dos Vestibulares. – 11. ed. Campinas – SP: Editora Papyrus, 2000.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. – 50. ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

### **Patrícia Fernanda da Costa Santos**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Educação Popular (PPGE – UFPB), com pesquisa na área de Educação de Jovens e Adultos. Experiência profissional na Educação Básica e Ensino Superior. Atualmente é professora da Educação Básica na rede municipal de João Pessoa. O texto “A escola como caminho para “SER MAIS”” relata experiências vividas no pré-escolar, primeiro grau e segundo grau (hoje, respectivamente, Educação Infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental), período de 1982 a 1993.

E-mail: [santosjp2013@gmail.com](mailto:santosjp2013@gmail.com)

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016